

Constitution of oneself and in teaching:
autobiographical reflections and teacher training

**CONSTITUIÇÃO DE SI
E NO PROFESSORAR:
REFLEXÕES
(AUTO)BIOGRÁFICAS E
FORMAÇÃO DE**

PROFESSORES

*Oficina Pedagógica
Pedagogical Workshop*

*Iara Batista da Silva
Cinara Calvi Anic*



**GUIA PARA
ORGANIZAÇÃO
DE OFICINA**

PEDAGÓGICA

**Iara Batista da Silva
2023**

Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

S586c Silva, Iara Batista da.
Constituição de si e no professorar: reflexões (auto)biográficas e formação de professores = Constitution of oneself and in teaching: autobiographical reflections and teacher training / Iara Batista da Silva, Cinara Calvi Anic. – Manaus, 2023.
39 p. : il. color.

Produto Educacional proveniente da Dissertação - Constituição de si e formação docente: reflexões (auto)biográficas de professores. (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2023.
ISBN 978-65-88247-99-0

1. Ensino tecnológico. 2. Pesquisa - formação. 3. Ipseidade. 4. Docência. Narrativa. I. Anic, Cinara Calvi. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 371.33

**Constituição de si e no professorar:
reflexões (auto)biográficas e
formação de professores**

Constitution of oneself and in teaching:
autobiographical reflections and teacher training

GUIA PARA ORGANIZAÇÃO DE OFICINA
PEDAGÓGICA

Pedagogical Workshop

FICHA CATALOGRÁFICA

Autoria

Iara Batista da Silva

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4343409554225110>

Cinara Calvi Anic

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1702387634067240>

Orientação

Cinara Calvi Anic

Diagramação e finalização

Adriano Maciel

Revisão

Iara Batista da Silva

A reprodução deste material, na íntegra ou em parte, através de quaisquer meios (digital, fotocópia, web e outros), é proibida sem permissão dos autores.

auto biografia



Constituição de si e no professorar: reflexões (auto)biográficas e formação de professores

Constitution of oneself and in teaching:
autobiographical reflections and teacher training

OFICINA PEDAGÓGICA
Pedagogical Workshop

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Iara Batista da Silva
Cinara Calvi Anic

Este produto é originado a partir da dissertação intitulada: “**CONSTITUIÇÃO DE SI E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESSORES**”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)

Área de conhecimento: Ensino

Público Alvo: Professores em formação inicial e continuada

Categoria deste produto: Formação inicial e continuada de professores

Finalidade: Contribuir com a formação inicial e continuada de professores

Registro do Produto: Biblioteca Paulo Sarmento, IFAM, Campus Manaus Centro

Apoio Financeiro: Recursos próprios

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido o uso comercial por terceiros.

Divulgação: Por meio digital

Idioma: Português

País: Brasil

Ano: 2022

PRE FÁ CIO

A célebre frase do filósofo grego Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo” é conhecida no meio acadêmico e citada por inúmeros intelectuais no mundo inteiro, mas, o que se compreende da ação de conhecer a si? Seria essa tarefa – hermenêuticamente tão complexa e imbricada de significações e ressignificações – possível de ser realizada?

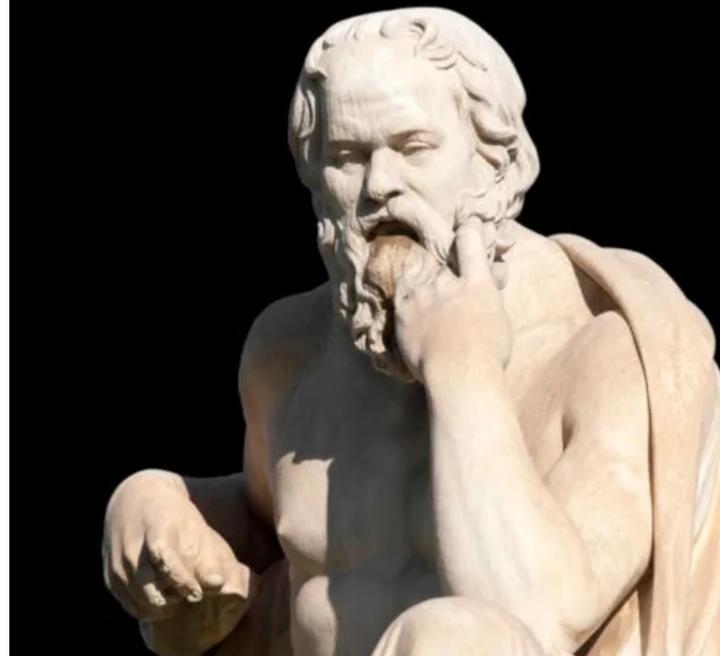
Pensar na possibilidade de conhecer a si requer um exercício que advém da “hermenêutica da ação”. Quando o indivíduo volta seu olhar para si, observando suas experiências, seu vivido, seu cotidiano, esse sujeito que ao mesmo tempo é objeto de “sua criação”, ou seja, de suas percepções sobre si, enxerga aspectos singulares, próprios desse sujeito, e ressignifica-se como agente, no pleno sentido de agir, assumindo o papel de protagonista, de ser ator e autor, capaz de interpretar a si mesmo. Por este motivo, a autobiografia como subsídio para refletir sobre a constituição do si no ser professor e formação docente é indicada para o autoconhecimento, visando compreender as experiências advindas da história de vida, possibilitando assim a desconstrução do já construído e vislumbrando a reconstrução dos posicionamentos, ações e atitudes imbuídos no eu pessoal, profissional, social, cultural e político. Assim, a (auto)biografia é a essência de comunicar sobre si para outros, configurando-se como um instrumento formativo a partir da reflexão oportunizada

pelo ato de narrar, seja essa narração escrita ou verbalizada.

Optamos pela utilização da (auto)biografia como forma de dar voz aos sujeitos que experimentam o mundo, permitindo problematizar e refletir questões do vivido, do experienciado para elucidar nossas experiências humanas, nos transformando a partir das novas aprendizagens.

“*Conheci a
ti mesmo.*”

Sócrates



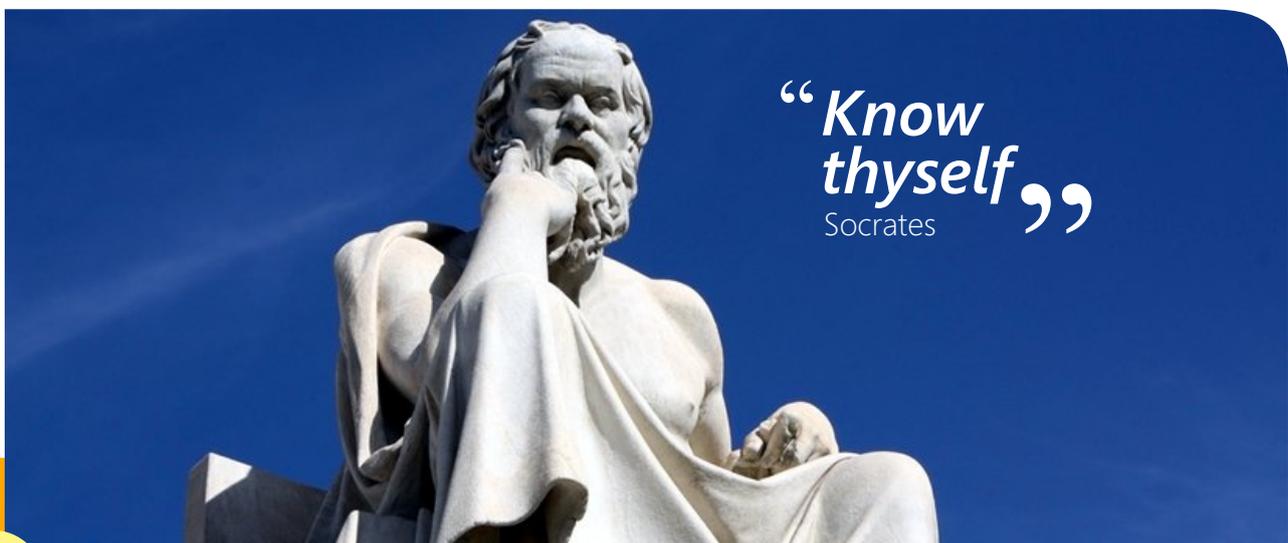
PRO LO GUE

The famous phrase of the Greek philosopher Socrates: “Know thyself” is known in academia and quoted by countless intellectuals around the world, but what does one understand from the action of knowing oneself? Would this task – hermeneutically so complex and intertwined with meanings and resignifications – be possible to be accomplished?

Thinking about the possibility of knowing oneself requires an exercise that comes from the “hermeneutics of action”. When the individual turns his gaze to himself, observing his experiences, his life, his daily life, this subject who at the same time is the object of “his creation”, that is, of his perceptions about himself, sees singular aspects, typical of this subject, and resignifies himself as an agent, in the full sense of acting, assuming the role of protagonist, of being an actor and author, capable of interpreting himself. For this reason, autobiography as a subsidy to reflect

on the constitution of the self in being a teacher and teacher training is indicated for self-knowledge, aiming to understand the experiences arising from the life story, thus enabling the deconstruction of what has already been constructed and envisioning the reconstruction of positions, actions and attitudes imbued in the personal, professional, social, cultural and political self. Thus, (auto)biography is the essence of communicating about oneself to others, becoming a formative instrument based on the reflection provided by the act of narrating, whether this narration is written or verbalized.

We opted for the use of (auto)biography as a way of giving voice to the subjects who experience the world, allowing us to problematize and reflect on issues of what was lived, what was experienced to elucidate our human experiences, transforming us based on new learning.



SU MÁ RIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. PROPOSTA METODOLÓGICA.....	12
3. OFICINA COMO ESTRATÉGIA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA.....	14
4. ORGANIZANDO UMA OFICINA PEDAGÓGICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	17
4.1 PRIMEIRO MOMENTO: Contextualização.....	16
4.2 SEGUNDO MOMENTO: Planificação.....	20
4.2.1 Um pouco mais sobre ipseidade.....	24
4.3 TERCEIRO MOMENTO: Reflexões.....	28
PALAVRAS FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	36
AS AUTORAS.....	38

1

Apresentação

Olá professor(a)!

O Guia aqui apresentado, intitulado “Constituição de si no professorar: reflexões (auto)biográficas e formação de professores” representa o produto educacional da pesquisa intitulada “CONSTITUIÇÃO DE SI E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESSORES” desenvolvida pela pedagoga e professora de Língua Inglesa Iara Batista da Silva junto ao mestrado do PPGET – Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM. Neste Guia buscamos trazer subsídios a pedagogos e professores formadores para elaborar uma proposta formativa no formato de oficina que possibilite ao professor fazer reflexões sobre o ser professor, sobre a docência, sobre a identidade docente e sobre suas práticas pedagógicas, de modo a contribuir para seu desenvolvimento profissional.

A pesquisa citada foi realizada com professores dos cursos de Ensino Técnico Integrado ao Médio do IFAM campus Maués e campus Manaus Centro e com os professores

das diversas áreas do conhecimento que participaram da oficina aplicada na semana pedagógica do IFAM, campus Maués. Teve o objetivo contribuir com a (auto)formação de professores a partir da compreensão da constituição de sua docência. Partimos do princípio de que o docente, na sua rotina, tem a possibilidade de transformar suas experiências vivenciadas em objeto de estudos, análise e reflexão. Reconhecemos que as próprias experiências vividas e partilhadas possibilitam o processo da construção e desconstrução, ou seja, é por meio das experiências narradas do percurso formativo que surge a investigação-formação, a aprendizagem na própria atividade do sujeito a partir da sua história e suas memórias.

A abordagem narrativa na perspectiva autobiográfica vêm sendo usada há muito tempo na pesquisa em Educação, comprovando a potencialidade da escrita de si como um instrumento que permite a reflexão, análise e a ressignificação de práticas, contribuindo na construção de novos saberes.



Os resultados da pesquisa realizada mostraram que muitos professores ainda estão preocupados prioritariamente em ministrar a disciplina de sua área de formação. Ademais, demonstram falta de clareza sobre o tema identidade docente, havendo necessidade de aprofundamento epistemológico acerca das dimensões do ser professor e de sua constituição. Evidenciou-se ainda que a pesquisa-formação, através da abordagem narrativa por meio das histórias de vida, possibilita a reflexão no processo de construção/desconstrução/reconstrução sendo possível, portanto, contribuir com o desenvolvimento profissional do professor a partir da ressignificação do trabalho docente.

O Guia aqui apresentado está estruturado em três momentos, os quais possibilitam aos professores desvelar a ipseidade (identidade) do ser professor no seu processo de autoformação. Ipseidade é um conceito da área Filosofia, o qual Paul Ricoeur afirma tratar-se daquilo que caracteriza o indivíduo como ser único, singular.

A identidade é lugar de lutas e conflitos, é um processo de constituição, de ser no sentido de tornar-se, de construção desse ser professor que, no exercício de voltar seu olhar para si, buscar construir maneiras de ser e de estar na profissão. Assim, é apropriado dialogar com o processo identitário revelando a dinâmica combinação que caracteriza como cada um que se diz e se sente ser professor (NÓVOA 2007).

A narrativa (auto)biográfica é um instrumento que possibilita ressignificações, transformações, construções, desconstruções e reconstruções, primando para a apropriação de ações conscientes e desejantes no aprender, a partir da autoformação.

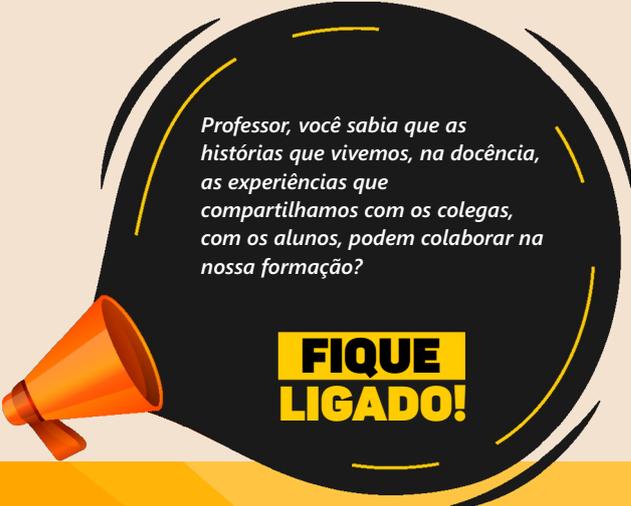
De acordo com Nóvoa (2013, p.116):

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que 'ninguém forma ninguém' e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.

Estas considerações acima citadas explicitam que o método (auto)biográfico assenta percepções e reflexões acerca da conexão do singular/plural do sujeito em sua trajetória de existencialidade, no qual, ao estudar ambos os espaços, individual e coletivo, torna-se possível a compreensão da constituição de si como ser social na sua profissionalização docente.

A abordagem (auto)biográfica, reflete as experiências vividas entrelaçadas ao processo formativo e vislumbra a construção da identidade, onde o entendimento e a compreensão acerca do significado da constituição do si no ser professor, torna possível a criação de ações conscientes e orientadas pelo sujeito-professor, protagonista da sua própria história.

Assim, esperamos que este guia possa contribuir com a (auto)formação do professor a partir da compreensão de sua identidade, do ser docente que emerge em sua história de vida, potencializando a tomada de consciência sobre suas ações em um constante processo de construção/desconstrução/reconstrução, subsidiando seu desenvolvimento profissional.



Professor, você sabia que as histórias que vivemos, na docência, as experiências que compartilhamos com os colegas, com os alunos, podem colaborar na nossa formação?

**FIQUE
LIGADO!**

2

PROPOSTA Metodológica

O Guia aqui apresentado traz orientações para a construção de uma Oficina Pedagógica para Professores intitulada “Constituição no professorar: reflexões (auto)biográficas e formação de professores”. Consiste em uma proposta para a (auto)formação docente na perspectiva de construção/desconstrução/reconstrução de si, das experiências vividas pelo sujeito na sua singularidade, já que as histórias de vida narradas por professores oportunizam a estes, exercitar a capacidade de voltarem o olhar a si próprios e, com isso, aprenderem a partir dos novos significados que possam surgir.

Essa proposta se fundamenta na ideia de que, ao fazer uso das narrativas de suas histórias de vida, o sujeito reflete sobre seu percurso profissional e pessoal dando a ele novas compreensões, sentidos e significados. Assim, emerge o professor reflexivo, tendência formativa amplamente discutida na pesquisa sobre Formação de Professores. A ideia do professor reflexivo considera que o ser humano é criativo e, na incerteza das situações profissionais que se apresentam continuamente, atua de forma inteligente e flexível (ALARCÃO, 2018). Para a autora, nesses contextos formativos baseados na experiência, a expressão e o diálogo são de suma importância, diálogo consigo próprio e com os outros, inclusive, que construiriam conhecimentos antes de

nós e são, portanto, referência, além do diálogo com a própria situação.

Garcia (1997) discute algumas condições que são necessárias para um ensino reflexivo. A primeira delas é uma mente aberta, ou seja, a ausência de preconceitos, respeitando e reconhecendo as possibilidades de erro e escutando as diferentes perspectivas. A segunda é a responsabilidade intelectual, isto é, analisar e considerar as consequências de nossas ações, assegurando a coerência e harmonia delas. A terceira é o entusiasmo, ou seja, a predisposição para a renovação, para a curiosidade. Há de se lembrar, como argumenta Pimenta (2006) que o ser humano está imerso no mundo de sua existência, um mundo complexo, com valores, crenças, e cenários políticos diversos. Por isso, sempre há necessidade de se considerar o contexto onde estamos inseridos.

A Oficina Pedagógica é uma estratégia metodológica que oportuniza ações ordenadas didaticamente e trabalha concomitantemente teoria e prática, isto é, a oficina possibilita eventos reais, “concretos e significativos, no tripé: sentir-pensar- agir”. Anastasiou e Alves (2004) acrescentam que a Oficina oportuniza a reflexão e descobertas, estimulando a criação e recriação e articulando os saberes prévios aos científicos.

ORGANIZAÇÃO DA OFICINA

TEMPO	MOMENTOS
4h	<p>Momento 1: Contextualização</p> <ul style="list-style-type: none">● Conversar sobre a temática: O que os participantes sabem sobre o tema?● Dialogar sobre os principais conceitos: pesquisa formação, ipseidade, abordagem narrativa;● Destacar os objetivos: geral e específico;● Apresentar os materiais: Slides, textos;
4h	<p>Momento 2: Planificação</p> <ul style="list-style-type: none">● Apresentar a situação problema: o que é a abordagem (auto)biográfica? e quais as possibilidades para a formação de professores? Deixe os participantes definirem a melhor forma de investigar. (Lembre -se: aqui os conceitos de pesquisa a formação, ipseidade, abordagem narrativa já foram trabalhados na contextualização;● Disponibilizar os textos, links, vídeos que a respeito da abordagem (auto)biográfica, pesquisa formação e memorial de formação, utilizando uma sala virtual no google classroom.
4h	<p>Momento 3: Reflexão</p> <ul style="list-style-type: none">● Os participantes apresentam seus memoriais oralmente e dialogam a respeito da constituição docente.
 <p>Disponibilizar os materiais de leitura no google classroom com antecedência.</p>	
<p>Materiais: Fotos, imagens, cadernos, diário pessoal e/ou relicário, cartas ou outro material que tenha significado no processo de formação dos participantes (os participantes devem trazer). Revistas para recortes, tecidos, papel colorido (o ministrante deve trazer).</p>	
<p>NÚMERO DE PARTICIPANTES: 10 a 15 professores</p>	

Regina et. al. (2016) ponderam que o preparo de uma oficina pedagógica de qualidade deve prever alguns pontos, como o ambiente físico, para que permita a integração e intimidade entre os participantes da oficina, a redução de possíveis tensões entre os membros participantes de forma que permita a reflexão e discussão, a liberdade que deve ser concedida a cada participante, a execução

das tarefas propostas, a organização dos grupos, a disponibilidade de materiais de apoio necessários, a disponibilidade de técnicas de trabalho grupal e individual.

Nas próximas seções vamos descrever os procedimentos necessários para a organização e execução dessa oficina, tendo como exemplo a aplicação desta durante o processo da pesquisa de mestrado que deu origem a esse produto educacional.

3

A OFICINA COMO UMA ESTRATÉGIA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA

Optamos pela realização de uma oficina porque entendemos, como Fonseca e Mendes (2012) que essa estratégia se organiza em reuniões mais restritas em termos de número de expositores e de participantes, e cumpre nossa intenção de socializar experiências e pesquisas propiciando debates, reflexões e aprendizado.

Além disso, considerando a formação do professor um processo contínuo, o seu ingresso na formação inicial é somente um marco na trajetória de crescimento onde, juntamente com os constituintes da história de vida deste indivíduo, vão somando-se conhecimentos de uma dada área específica, de saberes e elementos práticos oriundos da atividade docente e que, em conjunto, formam a base sobre a qual a profissão irá se alicerçar (FONSECA; MENDES, 2012).

Nesse sentido vislumbramos, com essa oficina, sensibilizar os participantes quanto à importância da reflexão sistematizada e discutida como caminho para a autoformação, a partir do olhar para si, do narrar histórias e experiências que conferem a singularidade aos sujeitos e, conseqüentemente, às suas práticas, mas que, ao mesmo tempo, possibilitam o

aprendizado mútuo com a partilha dessas experiências. Concordamos com Neitzel e Ferri (2011) quando afirmam que, em se tratando de formação continuada, uma proposta de formação deve possibilitar situações que viabilizem a ampliação do referencial teórico do grupo, permitindo que este reflita sobre sua prática pedagógica e desenvolva as dimensões relacionadas à afetividade e a formação humana.

Pensamos na oficina como uma atividade a ser desenvolvida por professores formadores, gestores, pedagogos, enfim, atores que compõem a comunidade escolar, interessados em contribuir com o processo formativo de professores e com seu desenvolvimento profissional. A oficina pode ser realizada, por exemplo, em reuniões pedagógicas, planejamento, encontros de professores, cursos de extensão, dentre outras possibilidades.

Vieira e Volquind (2002) recomendam que as oficinas pedagógicas devem ser organizadas em 03 passos: a) a contextualização; b) a planificação; c) a reflexão.

Descreveremos, na próxima seção, sugestões sobre como organizar esses passos.

Seja bem-vindo(a) a

OFICINA PEDAGÓGICA

**Constituição de si e no professorar:
reflexões (auto)biográficas e
formação de professores**

Primeiro momento
CONTEXTUALIZAÇÃO

4

ORGANIZANDO UMA OFICINA PEDAGÓGICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

4.1 - Primeiro Momento: **Contextualização**

A primeira etapa de uma oficina é a **contextualização**. Nesse momento, discute-se a temática e seleciona-se o assunto, verificando-se com os participantes o que sabem sobre a temática e os seus interesses. Aqui é importante deixar claro os principais conceitos de pesquisa formação¹, ipseidade, abordagem narrativa. Como orientam Vieira e Volquind (2002), pode-se fazer questionamentos do tipo: “O que sabemos?”, “Que experiências anteriores temos com esse tema?”. Orientar aos participantes que os mesmos devem realizar a leitura prévia dos textos e que o tempo dedicado à leitura dos materiais será contabilizado na oficina.

Considerando que esta oficina é derivada de uma pesquisa de mestrado, nessa etapa buscamos organizar as ideias, definindo os temas, objetivos da oficina, público-alvo, local, materiais necessários, além das bases teóricas e metodológicas que nos orientaram. Concluídas essas definições a partir da literatura e da análise dos registros obtidos na pesquisa, seguimos para o desenvolvimento da oficina, a partir da sensibilização com uma dinâmica adequada para cada situação específica e levando em conta a experiência de vida dos sujeitos envolvidos no processo educativo (CANDAU, 1999).

1) Realização de uma dinâmica para sensibilização:

- Dar boas-vindas aos participantes;
- Solicitar que os participantes formem uma roda de conversa;
- Dinâmica do Abraço: os participantes escreverão seus nomes em tiras de papel, os quais serão colocados em um recipiente. O professor ministrante da oficina tocará uma música e passará os nomes entre os participantes. Em um certo momento, a música deve parar. O participante que estiver com o recipiente nas mãos irá tirar um nome e se dirigir até a pessoa. O mesmo se apresentará a pessoa que ela (e) tirou o nome e dará boas-vindas. Logo após, deve dar um abraço caloroso. Acontecerá com todos os participantes da oficina.

Em seguida, passamos para o momento de aprofundamento e reflexões, a partir da contação das histórias de vida formação dos participantes. O professor, como autor da sua história, vai narrar para o grupo suas memórias que correspondem à escolha de sua profissão docente. Ao final, o grupo vai dialogar sobre as memórias narradas, destacando o que os aproxima e o que é singular de cada participante.

1) A discussão teórico-metodológica deste diálogo opta pela utilização da grafia pesquisa formação considerada nas reflexões do seguinte artigo: MOTTA, Thais da Costa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação: uma opção teórico-metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica. Artes de dizer fazer dizer os saberes da experiência. Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6191>

Essa atividade está organizada seguindo a proposta da roda de conversa. No âmbito da abordagem narrativa, a roda de conversa é uma forma de construção de dados onde o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa, ao mesmo tempo em que produz

dados para discussão. Esse instrumento permite a partilha de experiências e reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos e também com o silêncio observador e reflexivo (MOURA; LIMA, 2014).



Fonte: <https://aelca.org.br/2022/09/02/reuniao-pedagogica-6/>

Nesse primeiro momento, além dessas primeiras experiências compartilhadas, também é importante que o grupo tome consciência sobre a realidade da oficina, e o que necessita ser pesquisado. Dill (2018) considera que é nesta etapa que deve ser feito o diagnóstico, as abordagens e o conteúdo a ser desenvolvido, por isso, é importante provocar os participantes. Pode-se utilizar os seguintes questionamentos:

- O que você considerou importante na sua formação para você se tornar professor? (Fundamental/Médio/Superior/Latu Sensu/ Stricto Sensu);
- Narre um ou mais acontecimentos da sua infância/adolescência que

foram significativos no/para seu processo de formação;

- Algum professor(a) marcou sua formação (positivo ou negativamente)?
- Em algum momento na sua trajetória profissional, você parou para refletir sobre sua profissão docente?
- Por que escolheu ser professor(a)?

Como nosso objeto de estudo tratava-se da constituição da docência a partir da pesquisa formação e abordagem (auto)biográfica, questionamos os participantes se estes já conheciam, ou tinham ouvido falar sobre essa abordagem; nenhum dos participantes respondeu

positivamente à essa indagação. Essa constatação nos levou à necessidade de tratarmos algumas questões teóricas acerca da abordagem (auto)biográfica e sua

articulação com o processo formativo. Diante dessas constatações, definimos o segundo momento da oficina.



Segundo momento
PLANIFICAÇÃO

4.2 - Segundo Momento: **Planificação**

Neste momento, os participantes da oficina realizam a investigação da situação-problema, mediados pelo ministrante. Definem em conjunto a melhor forma de investigar a situação, o que pode incluir visitas a campo para observação do problema, pesquisas bibliográficas, entrevistas, assistir a filmes ou documentários, etc. (FORNAZARI; OBARA, 2017).

Como o diagnóstico na fase de planificação nos revelou que os participantes não conheciam a abordagem (auto)biográfica em detalhes, nessa etapa trouxemos os fundamentos epistemológicos dessa abordagem, além de apresentarmos a narrativa enquanto fenômeno e método de

investigação para a compreensão das dimensões sociais, culturais e educativas que incidem na constituição da docência.

Para ampliar as discussões e buscar esclarecer os temas estudados, disponibilizamos em uma sala virtual no Google Classroom materiais para leitura, links de vídeos que tratavam da abordagem (auto)biográfica e da pesquisa formação. Também fizemos apresentações em slides para auxiliar-nos nas orientações das discussões acerca dos conceitos de pesquisa formação, ipseidade e abordagem narrativa. É de suma importância que os participantes leiam com antecedência os textos disponibilizados na turma virtual. Também podem ser disponibilizados vídeos que tratam da temática.

Neste Guia trazemos alguns links de vídeos e textos que podem ser utilizados



<https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2022/02/antonio-novoa-livro-em-versao-digital-fevereiro-2022.pdf>

<https://pt.scribd.com/document/473307205/livro-O-metodo-auto-biografico-e-a-formacao-Antonio-Novoa-e-Matthias-Finger>

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de

Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766>

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo;

TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida. Arte e educação. Santa Maria: EDUFMS, p. 125-141.

<http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/sites/ppgmuseu.ufba.br/files/elizeuclementino.pdf>

Etapas:

- Aprofundar compreensões acerca da abordagem (auto)biográfica;
- Elaborar a apresentação (slides) em referência a Pesquisa Biográfica em Educação;

- Assistir vídeos sobre Pesquisa Biográfica em Educação. Alguns:



<https://www.youtube.com/watch?v=XmU11cqQ-u0&t=233s>

(Professor Elizeu Clementino de Souza pós-doutor em Educação e professor na Universidade do Estado da Bahia)



<https://www.youtube.com/watch?v=-ANT4eFc4wk>

(Conferência de Ma. Conceição Passeggi pronunciada en el Jueves Doctoral Virtual del 15 de octubre de 2029, promovida por el Grupo de Estudio de Narrativas de Profesores en Formación (GENPROF - UFRN) y el Núcleo de Investigación en Educación Matemática "DR. Emilio Medina" (NIEM-UPEL-MARACAY) y organizada por el Dr. Fredy Enrique GONZÁLEZ)

Após esse momento, passamos para a apresentação do memorial de formação



Após esse momento, passamos para a apresentação do memorial de formação como instrumento formativo. Partimos da seguinte questão: O que é um memorial de formação? Explicamos que o memorial é o registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimentos dos quais que somos protagonistas. Um memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, que trata do processo de formação em um determinado período. Em um memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da sua história.

Após tecermos considerações sobre o memorial de formação, apresentamos, a dinâmica intitulada: **AGORA É SUA VEZ DE REMEMORAR**. O ministrante solicita aos participantes para substituir seus nomes pelo nome de uma fruta. A fruta não deve se repetir. Em seguida, é sorteada duas ou três frutas para narrar (oralmente) sua história de vida formação, exercitando assim o que foi

abordado no diálogo a respeito do memorial de formação. É preciso atribuir tempo para as narrativas, sendo sugeridos no mínimo 5 e no máximo 10 minutos.

Fez-se necessário, nesta etapa, tecer considerações sobre a Ipseidade como possibilidade de interpretar a si, na constituição reflexiva da identidade pessoal, a qual não se individualiza em relação ao conceito, mas em relação a si, de maneira única, própria. Ricoeur, filósofo francês que contribuiu para o conceito de ipseidade, nos traz a ideia de dimensão do ser deontológico, cuja possibilidade da interpretação de si é possível por meio da ação hermenêutica de mundo que, se narrado, haveria a intencionalidade da constituição do si (RICOEUR, 1969), ou seja, tudo que fazemos, nossas ações podem ser refletidas de modo que possamos realizar práticas conscientes no nosso cotidiano, seja pessoal ou profissional. As discussões nos levaram a constatar a necessidade de ampliarmos a temática da ipseidade.

4.2.1 - Um pouco mais sobre *Ipseidade*

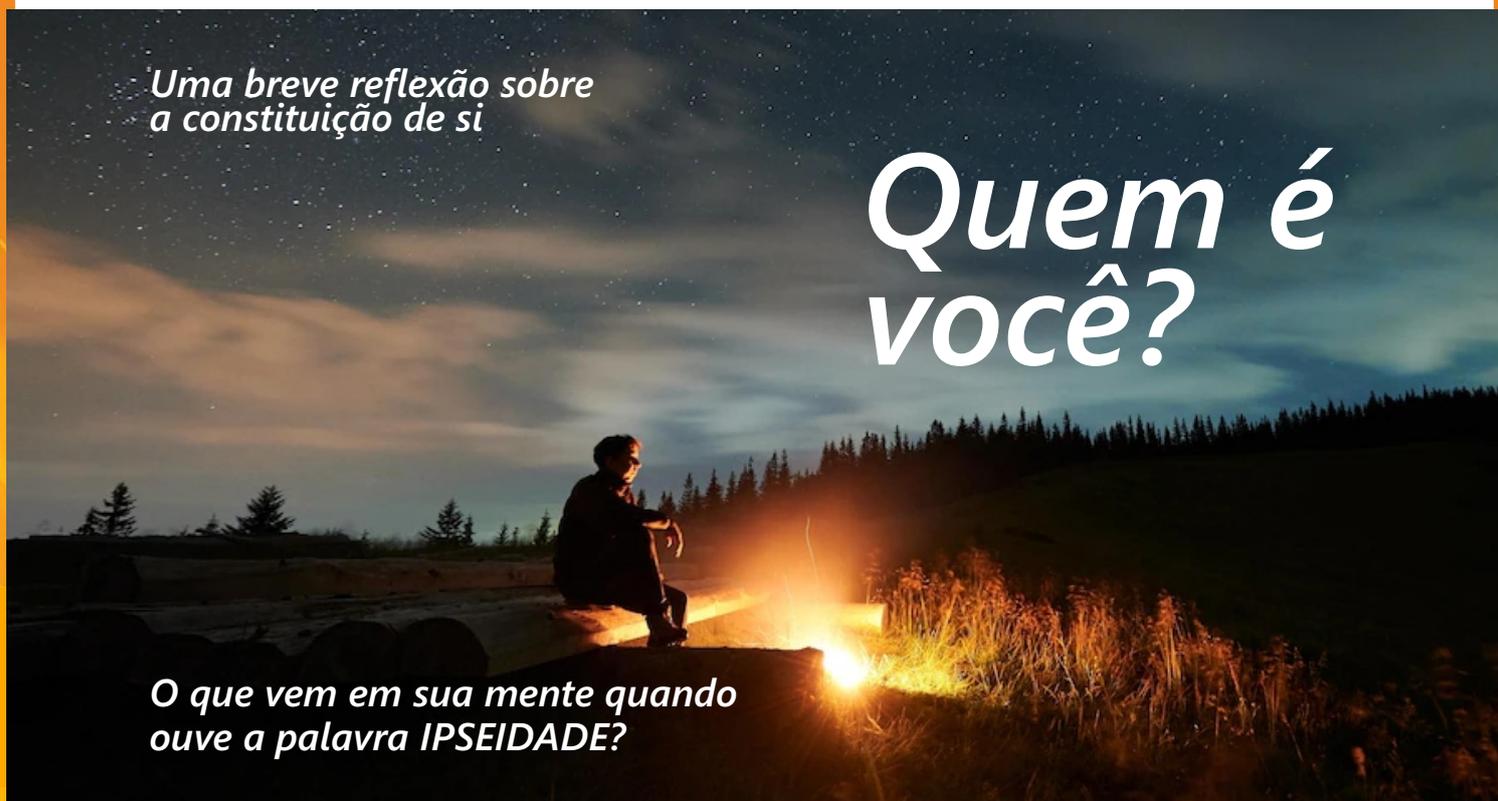
O que vem em sua mente quando ouve a palavra IPSEIDADE? Essa pergunta

deve ser feita aos participantes como indica a imagem a seguir:

Uma breve reflexão sobre a constituição de si

Quem é você?

O que vem em sua mente quando ouve a palavra IPSEIDADE?



Como o conceito de ipseidade requer um aprofundamento teórico que substancie o entendimento e compreensão do conceito, trouxemos bases para este diálogo. Segue: Início esta breve reflexão com a célebre frase do filósofo grego Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”, para indagar o que se compreende da ação de conhecer a si? Seria essa tarefa – hermenêuticamente tão complexa e imbricada de significações e ressignificações – possível de ser realizada?

Pensar na possibilidade de conhecer a si requer um exercício que advém da “hermenêutica da ação”. Quando o indivíduo volta seu olhar para si, observando suas experiências, seu vivido, seu cotidiano, sua história de vida, esse sujeito que ao mesmo tempo é objeto de “sua criação”, ou seja, de suas percepções sobre si, enxerga aspectos singulares próprios desse sujeito e se ressignifica como agente, no fundamento do sentido de agir, assumindo o papel de protagonista, de ser ator e autor, capaz de interpretar a si mesmo.

Ricoeur traça considerações a despeito da dualidade da Identidade-idem, a qual corresponde a ideia de mesmidade, isto é, o sujeito que permanece na condição de imutável no tempo; e Identidade-ipse, a qual se relaciona ao fato de nos percebermos como seres reflexivos, com potencialidade para mudança, nos conduzindo à condição de indivíduos responsáveis pela nossa biografia, nossa história, responsáveis pela constituição de ressignificações, alocando-se como o ponto fora da curva de Gauss, algo complexo, porém possível. (RICOEUR, 1990). A ipseidade tem ainda mais magnitude para o

conhecimento de si à medida que se apreende as narrativas centradas na formação ao longo da vida, as quais desvelam múltiplos sentidos no viver, que é singular e ao mesmo tempo plural, potencializando a criatividade do pensar, do agir e do viver com os pares. Desse argumento, consideramos importante destacar que as narrativas “trazem para fora” todo arcabouço que consideramos significativo para nosso processo formativo, a fim de interpretá-lo, reavaliá-lo e até mesmo transformá-lo, construindo ressignificações nesse processo. Essas ressignificações serão refletidas e colocadas em prática a partir das experiências do outro e com o outro.

Nesse sentido, consideramos pertinente trazer as contribuições de Pineau (1983), com relação às experiências com o outro a partir da concepção de auto, hétero e ecoformação. A autoformação compreende as nossas experiências pessoais, reflexivas, vividas pelo eu, e no eu. A heteroformação trata da nossa existência, a qual é partilhada com os pares. À medida em que convivemos com o outro, memórias são engendradas, potencializadas a partir das relações com o outro. É nessa conexão com o outro, no exercício da partilha que retroalimentam os nossos saberes, o nosso conhecimento. No que diz respeito à ecoformação, há um entendimento mais amplo de cosmos, mundo e cultura, que se convertem em fontes encorajadoras da criatividade, das artes e da técnica geradora da tecnologia. Dessa forma, o meio em que vivemos também contribui para a formação da identidade ipse.

Gaston Pineau
(1983)

AUTOFORMAÇÃO

Nossas experiências pessoais, reflexivas, vividas pelo e no eu.

HETEROFORMAÇÃO

Nossa existência a qual é partilhada com os pares, com o outro.

ECOFORMAÇÃO

Cosmo, mundo e a cultura.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Aqui convém lembrarmos que o ministrante da oficina deve deixar claro que estamos tratando de pesquisas diretamente relacionadas à formação e profissionalização de professores. Há estudos acerca da profissão docente que voltam-se para maneira sobre como os professores vivenciam os processos de formação no decorrer de sua existência, privilegiando as experiências vividas na docência e na formação.

Certamente que as experiências com os pares ao longo da vida despertam nossas memórias remissivas, quer dizer, as lembranças que vêm à tona e fazem sentido para nos constituirmos e nos apropriarmos de nós mesmos à medida que narramos, e, conseqüentemente, interpretamos nossa história vivida. Trazemos novamente as inferências de Ricoeur (2000a), quando apresenta a memória como matriz da história, garantindo que a imbricação entre ambas (história e memória) é necessária, não havendo cisão. Portanto, a história é contribuinte da memória e a memória é contribuinte da história. Ricoeur afirma que:

[...] continua, portanto, aberta a questão da concorrência entre a memória e a história na representação do passado. À memória resta a vantagem do reconhecimento do passado como tendo sido o que não é mais; à história aparece o poder de expandir o olhar no espaço e no tempo, a força da crítica na ordem do testemunho, da explicação e da compreensão, a matriz retórica do texto e, acima de tudo, o exercício de equidade em relação às reivindicações concorrentes das memórias feridas e, por vezes, cegas à infelicidade alheia. Entre o caminho da fidelidade da memória e o pacto de verdade em história, a ordem da prioridade é de impossível decisão. Apenas está apto a resolver tal debate o leitor e, dentro do leitor, o cidadão. (RICOEUR, 2000a, p. 747)

A leitura da obra de Paul Ricoeur é densa e requer discussões mais aprofundadas, não havendo aqui espaço para darmos conta dos argumentos filosóficos do autor mas, consideramos significativos para o aprofundamento teórico. No entanto, destacamos a relevância da questão entre história e memória onde, em um movimento de circularidade e reciprocidade, a memória revisita o passado em aprender com aquilo que se sabe sobre ele, possibilitando estabelecer outro significado para o passado a partir do presente.

As percepções sobre aquilo que foi vivido podem ser reveladas a partir da narrativa dos episódios experienciados, refletidos e ressignificados. A narrativa, para Ricoeur, constitui uma “mediação privilegiada” (RICOEUR, 1988, p.295) para a interpretação de si. Esta asserção tem um pressuposto essencial enunciado no texto: ... “o conhecimento de si é uma interpretação...” (RICOEUR, 1988, p.295). Retomamos as indagações do início deste diálogo, a saber: O que se compreende da ação de conhecer a si? Seria essa tarefa – hermeneuticamente tão complexa e imbricada de significações e ressignificações – possível de ser realizada?

Para refletimos a despeito desta indagação, trazemos as contribuições de Ricoeur o qual define identidade como:

[...] a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica [...]. O termo 'identidade' é aqui tomado no sentido de uma categoria da prática. Dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: Quem fez tal ação? Quem é o seu agente, o seu autor? Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio. Mas qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justifica que se considere o sujeito da ação, assim designado por seu

nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida, que se estende do nascimento à morte? A resposta só pode ser narrativa. Responder à questão 'quem?' (...) é contar a história de uma vida.

Pode-se conjecturar das colocações do autor que, na questão da identidade, incluem-se argumentações advindas do discurso narrativo para a formação da ideia

de identidade pessoal. Mergulhar na reflexão sobre as possibilidades de que ao olhar para si, com as lentes da identidade narrativa por meio das experiências, o que tal olhar propicia, pode contribuir para o entendimento de identidade e, assim, possibilitar o constante exercício da ação de conhecer a si.

Você pode ler mais sobre ipseidade em:

A ipseidade na ética argumentativa de Paul Ricoeur

<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/12158#:~:text=A%20ipseidade%20na%20%C3%A9tica%20argumentativa%20de%20Paul%20Ricoeur%20%C3%A9%20a,tem%20como%20contrapartida%20o%20outro>

O problema da identidade pessoal em Paul Ricoeur: dimensão ética da ipseidade

<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13070>

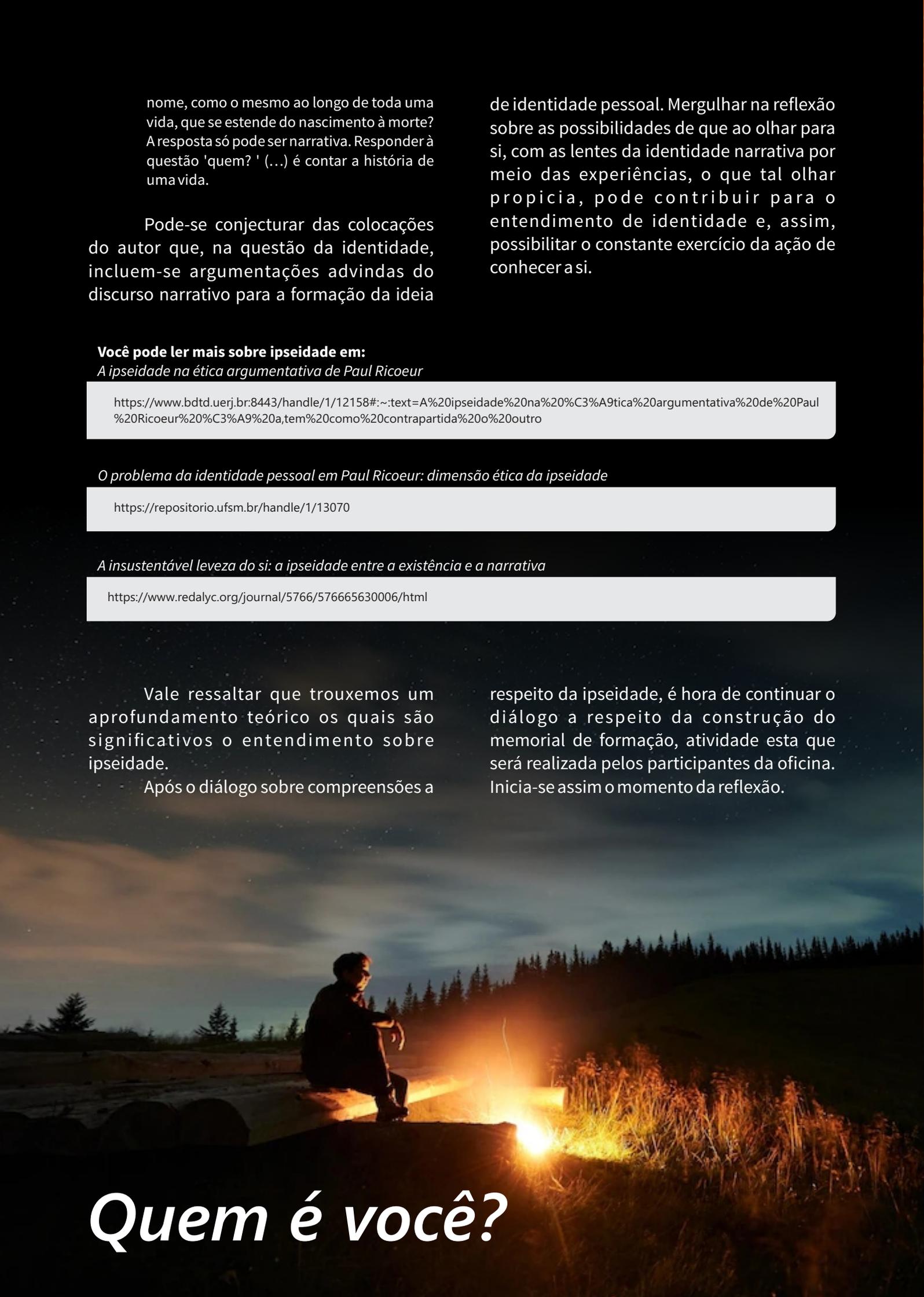
A insustentável leveza do si: a ipseidade entre a existência e a narrativa

<https://www.redalyc.org/journal/5766/576665630006/html>

Vale ressaltar que trouxemos um aprofundamento teórico os quais são significativos o entendimento sobre ipseidade.

Após o diálogo sobre compreensões a

respeito da ipseidade, é hora de continuar o diálogo a respeito da construção do memorial de formação, atividade esta que será realizada pelos participantes da oficina. Inicia-se assim o momento da reflexão.

A person is sitting on a log by a campfire at night. The fire is bright and glowing, illuminating the person and the surrounding area. The background shows a dark forest with trees under a night sky.

Quem é você?

Terceiro momento
REFLEXÃO

4.3 - Terceiro Momento: **Reflexão**

Nessa etapa é proposta a sistematização dos conhecimentos produzidos. Isso pode ser feito, segundo Fornazari e Obara (2017) de várias maneiras, como mapas conceituais, elaboração de textos, desenhos em quadrinhos, produção de um vídeo, escrita de um projeto, dentre outras possibilidades. Também deve ser realizada a autoavaliação do crescimento dos alunos durante a oficina, uma vez que precisa ocorrer o aprofundamento da relação entre a teoria e a prática, de modo que o aluno possa refletir de forma holística sobre os problemas e as soluções, bem como sobre os resultados alcançados, os limites e a possibilidade de novas oficinas. Na etapa da reflexão deve-se ainda criar possibilidades para que sejam construídas as percepções

acerca das implicações dos fenômenos para uma transformação social, nesse caso a prática dos professores a partir da compreensão de sua identidade, de seu processo formativo e dos novos significados das experiências vividas que podem surgir.

Para tanto, o mediador pode seguir as seguintes recomendações:

- Dividir grupos de 3 a 5 pessoas
- Determinar o tempo para discussão dos textos disponibilizados no google classroom e dos memoriais desenvolvidos
- Entregar o material para leitura e debate
- Sortear os grupos para dialogar pontos que consideraram interessantes e importantes no texto.

SILVA, J.Q.G. **O memorial no espaço da formação acadêmica:** (re)construção do vivido e da identidade. Perspectiva,

Florianópolis, v. 28 n. 2, 601-624, jul./dez. 2010. Disponível em:

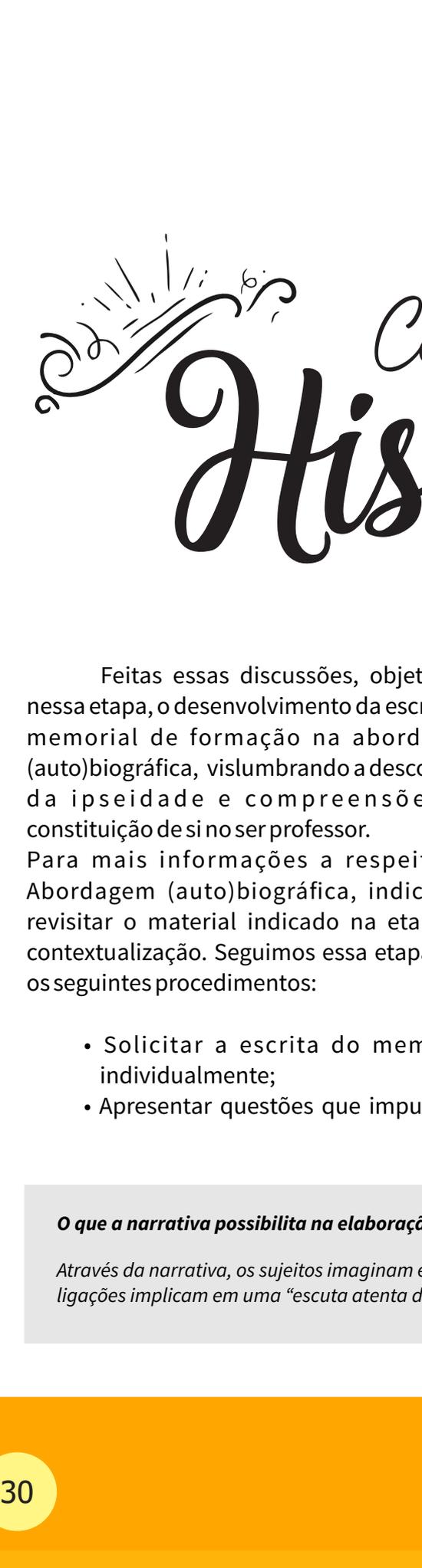
http://www2.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicações/

PUA_ARQ_ARQUI20121016140628.pdf

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. **Memorial de formação:** quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. G., V. T;

SOLIGO, R. (Org.). Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. 2.ed. Campinas: Alínea, 2005. v.1, p.45-60.

<https://www.amazon.com.br/Escrever-Hist%C3%B3ria-Revela%C3%A7%C3%B5es-Subvers%C3%B5es-Supera%C3%A7%C3%B5es/dp/8575162012>



Conte a sua História

Feitas essas discussões, objetiva-se nessa etapa, o desenvolvimento da escrita do memorial de formação na abordagem (auto)biográfica, vislumbrando a descoberta da ipseidade e compreensões da constituição de si no ser professor.

Para mais informações a respeito da Abordagem (auto)biográfica, indicamos visitar o material indicado na etapa da contextualização. Seguimos essa etapa com os seguintes procedimentos:

- Solicitar a escrita do memorial individualmente;
- Apresentar questões que impulsionem

uma escrita que vislumbre a descoberta da ipseidade e compreensões da constituição docente e experiências que marcaram o processo de formação. Sugestões: Quem é você? O que foi significativo na sua formação? O que deixou marcas? O que te trouxe à licenciatura que você escolheu? (Poderá acrescentar à sua escrita: imagens, cadernos, livros, diário pessoal e/ou relicário);

- Tempo: 4 horas (pode-se destinar o período do dia para esta atividade).

O que a narrativa possibilita na elaboração do Memorial de Formação?

Através da narrativa, os sujeitos imaginam e criam ligações entre diferentes fatos de sua vida, essas ligações implicam em uma “escuta atenta da sua vida interior” (JOSSO, 2004, p.265).

Após a construção do memorial de formação, entraremos no momento final da oficina, o qual chamamos de “**Recordar-Narrar-Reconstruir: refletindo o passado/presente/futuro vislumbrando possibilidades da reconstrução de si**”. O objetivo é que os participantes possam narrar a experiência de desenvolver o memorial de formação refletindo o passado/presente/futuro, vislumbrando possibilidades da reconstrução de si. Deverão vir à tona sentimentos, experiências, angústias, medos entre outros, acerca do desenvolvimento do memorial de formação.

É de suma relevância que o ministrante da oficina esteja atento a tudo que vai emergir neste momento, pois é nesta etapa que é possível observar o momento da construção/desconstrução/reconstrução docente. Portanto, é recomendável que tal momento seja filmado, claro, com a devida autorização dos participantes, possibilitando que seja possível retornar a informações relevantes, caso seja necessário. É justamente no exercício de redescobrir-se e reconhecer-se que o professor terá a capacidade de criar e recriar, construir e reconstruir novas realidades, ressignificando o conhecimento que ora faz parte do seu arcabouço, projetando a construção de novos saberes.

O processo de construção/desconstrução/reconstrução, a qual consideramos nesta oficina, é interessante para o conhecimento de si considerando a partilha com o outro, direcionando dessa forma a ampliação da criticidade e da reflexividade, reconfigurando as aprendizagens e os conhecimentos implícitos, tornando possível e real o empoderamento intelectual e, sobretudo, o aflorar da dimensão ontológica e humana, admitindo reconfigurações

reflexivas para que possamos nos potencializar em nossas descobertas.

Assim, é no exercício do entendimento da constituição identitária de si no ser professor, ao identificar o que envolve o professorar, assim como as dimensões desta profissão, que se redefine e se transforma a si, pessoa e profissional, o qual subsidia transformações e potenciais melhoras come para a vida coletiva.

Essa atividade pode ser conduzida da seguinte forma:

- Formar a roda de conversa novamente;
- Os professores (se possível todos) serão encorajados a narrar voluntariamente seus sentimentos, experiências, angústias, medos entre outros, acerca do desenvolvimento do memorial de formação;
- Os professores voluntariamente deverão dialogar sobre como foi a experiência de refletir sobre a constituição docente no processo de construção/desconstrução/reconstrução, e como este exercício impactou o agir sobre e na sua formação continuada.

PASSADO...
PRESENTE...
FUTURO...



Concluídas essas atividades, partimos para última atividade, ou seja, a avaliação da oficina, objetivando verificar as opiniões, sugestões dos participantes para a melhoria das atividades propostas, dificuldades encontradas, e contribuições da oficina para a construção e reelaboração de saberes.

Disponibilizamos um formulário eletrônico via *Google Forms*. Em se tratando do produto educacional de uma pesquisa de mestrado profissional, pautamo-nos nas contribuições de Hentges, Moraes e Moreira (2017) para construção deste formulário.



Link da avaliação:

<https://forms.gle/6GxRxzxD4eikjeHTA>





PALAVRAS
FINAIS

A oficina pedagógica é, nas palavras de Vieira e Volquind (2002), é uma ação de ensinar e aprender, com a realização de algo feito coletivamente. Neste Guia, apresentamos uma proposta para realização de uma oficina com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de reflexões acerca da identidade da docência, do ser professor, tendo como referência a abordagem (auto)biográfica. Consideramos, como nos lembra Passeggi (2015) que tal abordagem permite que seja colocado no centro da formação o sujeito, a pessoa que se forma, oportunizando um espaço-tempo de 'reflexão-ação-reflexão' sobre as experiências vividas e a viver, tanto na sua formação existencial como na profissional.

Entendemos que essa atividade reflexiva, ou seja, o ato de narrar, contribui para a autoformação do professor na medida em que proporciona a construção de novos saberes (TARDIF, 2014), constituídos pelo amálgama de múltiplos saberes advindos de fontes diversas, como a formação profissional, as disciplinas cursadas, os currículos e a experiência compartilhada com os pares. Tais saberes, segundo Behrend, Cousin e Galiuzzi (2022) só serão relevantes na constituição da docência se forem compreendidos como saberes construídos coletivamente, nas práticas sociais, nas experiências compartilhadas em diferentes contextos e espaços educativos e formativos.

No decorrer da oficina foi possível observarmos que a maioria dos participantes desconheciam a potencialidade formativa do contar e recontar as experiências na medida em que nos levam a olharmos para nós mesmos e para nossas experiências, em processos dialógicos de compreensão, construção e desconstrução de significados. Porém, quando convidados a refletirem

sobre seu processo formativo, sobre sua prática, ou ainda sobre a experiência vivenciada da participação da oficina, mostraram-se surpreendidos com as novas descobertas:

Eu ainda não tinha praticado a ação de pensar em mim e na minha formação docente. Sempre pensei nos meus alunos, nas minhas aulas, na minha contribuição para a melhoria da sociedade através do meu posicionamento político; pensava em participar das atividades que a instituição me solicitava. Mas, quando me deparei com o questionamento da minha constituição de ser professora, com a possibilidade de pensar sobre isso através da narrativa da minha história de vida, me deparei com muitas questões pessoais e profissionais. À medida que eu elaborei o memorial de formação, e respondi as questões da entrevista, comecei a refletir como a constituição do meu eu professora, da minha identidade que tenho que encontrar. Confesso que o estava equilibrado na minha cabeça a respeito da minha profissão, desequilibrou totalmente a ponte de eu reconhecer que devo ir em busca de entender minha constituição docente, e eu vou, eu quero fazer isso.

(Professora Wonderful woman, Memorial de Formação, 2021)

Viver essas experiências me fez refletir muito acerca de minhas compressões da minha constituição docente. Quando elaborei meu memorial de formação, eu ia fazendo e viagem e ao mesmo tempo, fui pensando o quando eu estava descolado da minha identidade docente. Essa autoformação inicial, assim que vou chamar, me fez reconhecer que eu preciso mudar, que eu devo ir além. Eu estava estagnado no tempo, eu sempre fui professor sem saber o que é ser professor. Tive que me desconstruir para me reconstruir e perceber que tenho que continuar a busca por compreender minha própria constituição. Como posso ajudar outros se não sei qual a minha identidade? Pode não estar definida, mas, posso dizer que encontrei o caminho na autoformação e é por aí que eu vou.

(Professor Winner, Memorial de Formação, 2021)

Como eu preciso me conhecer enquanto professor. Tenho mais de 20 anos de docência e não consigo responder porque sou professor. Acho que não tenho uma identidade docente e, para falar a verdade, nem sei o que é isso. Agradeço imensamente a oportunidade de saber que existe a possibilidade de me conhecer melhor e é possível compreender questões de cunho existencialista, a ponto de projetar um projeto de vida para minha profissão. (Voluntário, 17)

Foi muito importante para eu conhecer um pouco a história de vida dos colegas e todos os desafios que os direcionaram para a profissão docente. Nós precisávamos dessa formação. Peço desculpas se um dia magoei alguém ou não compreendi determinado comportamento ou posicionamento. Agora fica mais claro para eu entender e respeitar o posicionamento de um colega, porque agora sei um pouco dos princípios que norteiam a vida de cada colega aqui presente. (Voluntário, 14)

A partir de agora, vou buscar melhorar cada vez mais na minha profissão, pois, acredito que o curso me encorajou a refletir no que a professora falhou no processo de construção/desconstrução/reconstrução. Preciso me reconstruir e a oficina me fortaleceu e me tirou da zona de conforto em que estava. A verdade é que eu estava acomodado demais e foi tapa na minha cara. Muito obrigado mesmo. (Voluntário, 04)

A oficina desconstruiu a forma como voltei das férias. Confesso que há muitos anos só cumpro tabela na minha profissão. Está acontecendo tantas coisas ruins que não via mais esperança, nem na educação. Muito obrigada pela temática trabalhada. Me sinto renovada. (Voluntária, 9)

Estou muito tocada com tudo que foi abordado no curso. Quando fui para casa fiquei pensando que não sei quem sou. Realmente não sei. Preciso me achar e me conhecer. Preciso buscar minha identidade docente e compreender o que está envolvido na minha constituição de ser professora. Não tenho palavras para expressar o quanto fiquei tocada com tudo. Solicito que o curso continue nas próximas reuniões pedagógicas, pois até nós mesmo precisamos, algumas vezes, de ajuda para nos reconhecermos humanos. (Voluntária, 31)

Por fim, acreditamos que as oficinas pedagógicas constituíram-se e constituem-se como uma estratégia oportuna para troca de experiências, aprendizados e construção de conhecimentos. Ademais, a abordagem (auto) biográfica, a produção de narrativas mostrou-se um fecundo instrumento formativo, permitindo-nos revisitar espaços, memórias, que nos constituem como docentes e nos auxiliando na reelaboração dos sentidos e significados sobre a docência, possibilitando o desenvolvimento profissional do professor, o qual deve se articular a conhecimentos científicos que se conectem com a realidade dos envolvidos (LASAKOSWITSCK; CUSTODIO, ROSA, 2022). As oficinas pedagógicas podem ser desenvolvidas em projetos de extensão, em reuniões pedagógicas, encontros formativos, tendo a escola como lugar de encontros, de aprendizado, de descobertas, e também de conflitos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2018.

ANASTASIOU, L. G. C., & Alves, L. P. (2004). **Estratégias de ensinagem**. In L. G. C. Anastasiou, & L. P. Alves (Orgs.), *Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula* (3rd ed., pp. 67-100). Joinville: Univille.

CANDAU, V.M. & LELIS, I. A. **A Relação Teoria-Prática na Formação do educador**. In: CANDAU, V.M (Org.). *Rumo a uma Nova Didática*. 10 ed. Petrópolis: Vozes. 1999. p. 56- 72.

CLANDININ, D. Jean, CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: expectativas e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

Fornazari, V.B.R. e Obara, A.T. 2017. **O USO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM: A BACIA HIDROGRÁFICA COMO TEMA DE ESTUDO**. *Investigações em Ensino de Ciências*. 22, 2 (ago. 2017), 166–185. DOI: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2017v22n2p166>.

GARCIA, C. M. **A formação de professores: algumas notas sobre sua história, ideologia e potencial**. In: In: NÓVOA, A. (Org.). *Os Professores e a sua Formação*. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional, 1997.p. 93-114.

JOSSO, M.C. **Experiência de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

Moura, A. B. F., & Lima, M. da G. S. B. (2015). A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *INTERFACES DA EDUCAÇÃO*, 5(15), 24–35. Recuperado de <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448>

NEITZEL, A. A.; CARVALHO, C. **Estética e arte na formação do professor de educação básica**. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 17, n. 17, p. 103-121, jan./abr. 2011.

NÓVOA, A. **Os professores e as Histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António (org.) *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 2013

NÓVOA, Antônio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, Antônio (org). *Vidas de Professores*, 2º Ed. Portugal, Porto Editora, 2007.



PASSEGGI, M. C. **Narrativa, experiência y reflexión autobiográfica**: por una epistemología del Sur en educación. In: ARANGO, G. J. M. (comp.). Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria. Buenos Aires: Editorial FFyL/UBA, 2015. p. 69-87.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo**: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 17-52.

PINEAU (G), 1983, **Produire sa vie**: autoformation et autobiographie, p. 9

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. G., V. T; SOLIGO, R. (Org.). Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. 2.ed. Campinas: Alínea, 2005. v.1, p.45-60.

RICOEUR, P. **Le problème du double-sens**. In: Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique I. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Interpretações e Ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000.

SILVA, J.Q.G. **O memorial no espaço da formação acadêmica**: (re)construção do vivido e da identidade. Perspectiva, Florianópolis, v. 28 n. 2, 601-624, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www2.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicações/PUA_ARQ_ARQUI20121016140628.pdf

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. **Fotobiografia e entrevista narrativa**: modos de Narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida. Arte e educação. Santa Maria: EDUFSM, p. 125-141.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino**: O quê? Por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.



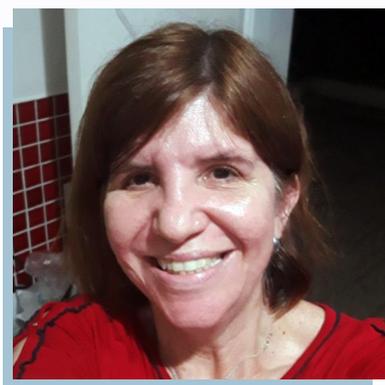


SOBRE AS AUTORAS

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico - PPGET pelo Instituto Federal de Ciência do Amazonas - IFAM, Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Unidade Educacional de Ensino, Pesquisa e Extensão - UNIVES e Instituto Brasileiro de Ensino Superior e Tecnologia Educacional - IBESTE (2006), Graduação em Letras -Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2016) , graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2006). Atualmente é professora de Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazona- IFAM campus Maués.



Lara Batista da Silva



Cinara Calvi Anic

Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995), mestrado em Ecologia pela Universidade de São Paulo (2002), e doutorado em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso (2016). Atualmente é professora do ensino superior e pós graduação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, atuando nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, Química, Física e Matemática e mestrado profissional em Ensino Tecnológico. Tem experiência na área de Educação e Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de ciências, formação de professores, ensino de Biologia, metodologia da pesquisa científica, além da experiência como professora no ensino fundamental, médio e superior.

